

# ENTREVISTA

## Roberto Rodrigues

Coordenador do Centro de Estudos do Agronegócio na Fundação Getúlio Vargas (FGV) e ex- ministro da Agricultura.



*De passagem por Brasília para atender uma demanda de avaliação da área de Agronegócios do IICA, o ex- ministro de Agricultura do governo Lula (2003-2006), Roberto Rodrigues, dedicou um tempo para conversar com a Revista Cooperação Técnica RIB sobre cooperação técnica e agricultura brasileira. Foram apenas 30 minutos, mas muito valiosos, de entrevista. Homem de respostas objetivas e contundentes, Rodrigues conseguiu em pouco tempo dar um panorama do atual cenário da agricultura brasileira, enumerar os principais gargalos e destacar a importância da cooperação técnica para superar os desafios.*

Entrevista

**“A importância da cooperação técnica internacional, sobretudo na plataforma tecnológica, diz respeito a uma nova forma de produção, mais sustentável e que garantirá ao mundo suprimento essencial para que a vida prossiga em termos adequados em todos os rincões do planeta.”**

compatibilizar a oferta de alimentos, de energia e de fibras, do lado agrícola, com os recursos naturais preservados e o Brasil fez a lição de casa e se estudos recentes indicam que nos próximos dez anos a oferta mundial de alimentos tem que crescer 20% para atender a demanda explosiva nos países emergentes, por causa de população e renda que cresce muito nesses países, bem, se esses dois fatos, ou melhor, duas premissas: Brasil tem a tecnologia e o mundo precisa de tecnologia. Porque não transformar o Brasil numa plataforma de lançamento de cooperação internacional, tendo em vista a inovação tecnológica agrícola nos países tropicais, que é onde nós temos uma certa liderança?

Então a importância da cooperação internacional, sobretudo na plataforma tecnológica, diz respeito a uma nova forma de produção, mais sustentável e que garantirá ao mundo o suprimento essencial para que a vida prossiga em termos adequados em todos os rincões do planeta. E essa cooperação tem que ser iniciada, ser priorizada no nível regional, no nível continental, então a participação de um organismo como o IICA neste projeto de lançamento tecnológico é absolutamente essencial para que o mundo seja mais feliz.

**RIB - O senhor comentou sobre desafios. Quais seriam os principais desafios para agricultura brasileira?**

**Roberto Rodrigues -** Bom, nós temos três grandes vantagens comparativas em relação à países com extensão territorial como o Brasil. Primeiro temos terras disponíveis. O Brasil hoje cultiva 72 milhões de hectares de 850, que é o território todo, portanto, menos de 9% do território nacional é cultivado agricolamente. Então temos uma condição de expansão territorial que nenhum País do mundo tem. Segundo, temos a tecnologia tropical, que é altamente sustentável e, em terceiro, temos um produtor rural muito competente: inclusive porque os planos econômicos, voltados para estabelecer uma economia nos últimos 20 anos, tiraram do campo muita gente que não resistiu às pressões econômicas. Então, quem sobreviveu, sobreviveu com competência para ficar no processo. Então nós

temos três condições realmente notáveis.

Agora, a pergunta é importante porque caracteriza os gargalos do Brasil. Eu diria que temos cinco gargalos no Brasil. O principal é o da logística industrial. Nós ficamos dez, quinze anos sem fazer investimentos consistentes na área de logística. Então, falta ferrovia, rodovia, porto, armazenagem, hidrovias, falta um projeto integrado, inclusive falta uma saída para o Pacífico, que seria um mecanismo de abertura de mercado na Ásia, extraordinário para o País. Então, o primeiro gargalo é logística e infraestrutura. E esse gargalo está razoavelmente tratado pelo PAC. Se o PAC sair do papel para valer, boa parte desse problema será superado. Não obstante, faltam, ainda, muitos investimentos, sobretudo na área portuária.

O segundo gargalo é o de uma política de renda pro campo. Todos os países desenvolvidos do mundo tem mecanismos que garantem a estabilidade da renda do produtor rural a partir da premissa de que é essencial garantir a segurança alimentar do cidadão daquele País. Então o cidadão recebe garantia de alimentos através da renda estável do produtor rural. Então, mecanismos como subsídios explícitos, como barreiras de importação de produtos, estímulos à exportação, vários mecanismos protecionistas garantem aos agricultores dos países desenvolvidos uma renda estável qualquer que seja o preço do mercado. E não temos isso no Brasil. Já criamos o

**RIB - Qual é o papel da cooperação técnica internacional para o Brasil?**

**Roberto Rodrigues -** O Brasil é um País que conseguiu montar uma plataforma tecnológica em agricultura tropical respeitável. Felizmente, algumas instituições nossas, começando com a agronômica de Campinas e a biológica de São Paulo e, nos últimos 35 anos, com a Embrapa conseguiram montar uma grande plataforma tecnológica que permitiu ao País um grau de competitividade na área de agricultura formidável. Basta observar alguns números, como o de grãos por exemplo. Nos últimos 20 anos, a área plantada com grãos no Brasil cresceu 27% e a produção cresceu 154%. Se você pegar a área de cana de açúcar, que é um setor muito controlado, muito discutido no País inteiro, nós temos hoje quase oito milhões de hectares com cana no Brasil. Se tivéssemos a produtividade que tínhamos quando o

Proálcool começou, há 35 anos, precisaríamos ter o dobro da área cultivada para ter a mesma produção. E assim com grãos, com carne, com leite, tudo para gerar uma enorme evolução.

E este processo tecnológico nos traz uma vantagem competitiva que transcende a questão econômica, pura e simples, da produtividade e nos leva ao tema da sustentabilidade. Tema este que é o grande debate global atual e que na verdade traduz o maior desafio da humanidade do século XXI que é compatibilizar o aumento da produção agrícola com a preservação dos recursos naturais. E essa tecnologia tropical brasileira já fez essa lição de casa. Então, essa plataforma tecnológica nossa nos dá, realmente, uma condição excepcional, reconhecida globalmente, de transformar o Brasil em uma potência agrícola de relevo no cenário mundial.

Ora, se a grande questão no mundo hoje é

segurorural, quedemoraa decolar. Nossa lei do crédito rural é de 1965, o Brasil mudou completamente e a lei é a mesma. Nossa política de preços mínimos não funciona. Nossos mecanismos de comércio privado são poucos difundidos. Precisamos ter um esforço maior público e privado na direção da questão de uma renda estável para a agricultura.

O terceiro gargalo é o ligado a área de comércio, sobretudo comércio internacional. Nós colocamos, nos últimos dez anos, todo o peso da nossa negociação na Rodada de Doha, da OMC, que, infelizmente, não decolou. Então, perdemos tempo, não fazendo acordos bilaterais, não montando acordo com a União Européia, que é um mercado gigantesco, não cuidando da relação sul-sul com mais consistência, não criando instrumentos de agregação de valor. Por exemplo, a China, que é um grande mercado, não vai comprar só soja em grão. Temos que criar regras novas de comércio que viabilizem acesso a mercados, de forma mais competente do que fizemos até agora.

O quarto gargalo é o da defesa sanitária. Esse é um tema recorrente e é também transversal do ponto de vista continental. Porque não adianta eliminar aqui no Brasil, se o Paraguai não eliminar, se a Colômbia não eliminar. Então, enquanto não houver uma ação ampla - ação esta que o Brasil deve liderar porque é o maior rebanho - não vamos ter um reconhecimento internacional sobre a qualidade da nossa carne, porque infelizmente nas áreas extensas do Brasil no nordeste, no norte, ainda tem Aftosa. Então, a defesa sanitária é um gargalo fundamental.

O quinto gargalo é o ligado à tecnologia. Embora tenhamos, como já disse, a melhor tecnologia tropical do planeta, esse é um processo dinâmico. A tecnologia é um investimento sistemático e sistêmico. Tem que haver permanente experiência nessa área e o setor privado precisa participar disso através de empresas com protocolo específico, que são inclusive previstas pela lei de inovação tecnológica. Não conseguimos sair do papel nisso aí. Então, dependemos muito de recursos públicos para pesquisa. E um Estado moderno, um país moderno, uma nação moderna precisa de muita tecnologia para ser competitiva.

Então são cinco ou seis gargalos importantes. Mas todos eles, na verdade, estão pendentes de um

tema superior, um guarda-chuva dos gargalos, que é a inexistência de uma estratégia nacional para esses assuntos. Você tem, hoje, uma política agrícola muito boa, instituída pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), inclusive através de câmaras, por cada uma das cadeias produtivas ou produzidas por instrumentos de políticas públicas. Então temos uma belíssima política agrícola desenhada no nível do MAPA, mas os instrumentos para implementar isso estão dispersos em outros ministérios. O orçamento quem faz é o Ministério do Planejamento, a liberação de recursos quem faz é a Fazenda, a taxa de juros quem decide é o Banco Central, a taxa de câmbio é o Banco Central, a logística quem decide é o Ministério dos Transportes, a negociação quem faz é o Itamaraty, as regras de comércio quem faz é o MDIC, floresta plantada é o Meio Ambiente, questão agrária no Ministério do Desenvolvimento Agrário, a área de energia, bicomcombustível está no Ministério de Minas e Energia, dinheiro para pesquisa no Ministério de Ciência e Tecnologia, enfim, são doze, quinze ministérios sem falar em empresas como Petrobrás, Inmet, IBAMA, ANA, Embrapa, FUNAI, que interferem com que o processo agrícola seja uma estratégia direcionada. Então a ausência de uma estratégia ampla do estado brasileiro, que incorpore inclusive a revisão de legislações obsoletas no País, é que cria todos os gargalos aos que me referi anteriormente. Então precisamos ter uma definição nacional estratégica, que infelizmente, a última que tivemos foi no governo Geisel, nos anos setenta. Então esse é o grande tema a ser debatido pela agricultura brasileira contemporaneamente.

**RIB - Como está inserida essa questão dos gargalos no governo atual?**

Roberto Rodrigues - Esses gargalos já foram apresentados à presidente Dilma. Se o governo brasileiro desenvolver aquilo que se propõe a fazer, nós podemos resolver uma boa parte dos gargalos. Por outro lado, em uma democracia, como é o caso do Brasil hoje, as políticas públicas só se desenvolvem, só são implementadas, se a sociedade majoritariamente assim quiser. E o Brasil é um País que se urbanizou muito rapidamente e a sociedade urbana não tem



**“O IICA pode transformar essa plataforma tecnológica brasileira e essas demandas estruturais, que nós tratamos, em uma ação articulada de caráter continental, com uma relação mais democrática, mais justa, mais igualitária entre os países americanos.”**

uma visão adequada da agricultura. Então, nós estamos iniciando, agora, um grande programa de comunicação rural mostrando para a sociedade urbana a interdependência que há entre o rural e o urbano. Um não vive sem outro. E o respeito que o urbano passa a devotar ao rural será, sem dúvida, um instrumento para que as políticas sejam desenhadas adequadamente.

**RIB - Como o IICA pode contribuir para a transformação produtiva do Brasil defendendo o meio ambiente e garantindo o desenvolvimento sustentável?**

Roberto Rodrigues - Se o IICA cumprir a missão dele, que é promover a competitividade da agricultura, garantindo o bem estar das populações rurais com a preservação dos recursos naturais, que é também a visão que a agricultura brasileira tem, o IICA pode transformar essa plataforma tecnológica brasileira e

essas demandas estruturais, que nós tratamos, em uma ação articulada de caráter continental, com uma relação mais democrática, mais justa, mais igualitária entre os países americanos. E isso seria, sem dúvida, uma enorme plataforma de lançamento das tecnologias agrícolas brasileiras para os outros países do continente. Por outro lado, em uma democracia, como é o caso do Brasil hoje, as políticas públicas só se desenvolvem, só são implementadas, se a sociedade majoritariamente assim quiser. E o Brasil é um País que se urbanizou muito rapidamente e a sociedade urbana não tem uma visão adequada da agricultura. Então, nós estamos iniciando, agora, um grande programa de comunicação rural mostrando para a sociedade urbana a interdependência que há entre o rural e o urbano. Um não vive sem outro. E o respeito que o urbano passa a devotar ao rural será, sem dúvida, um instrumento para que as políticas sejam desenhadas adequadamente.